

HOMENAJE

A

JULIO MARTINEZ SANTA-OLALLA

VOLUMEN III

ACTAS Y MEMORIAS DE LA SOCIEDAD
ESPAÑOLA DE ANTROPOLOGIA,
ETNOGRAFIA Y PREHISTORIA

TOMO XXIII

CUADERNOS 1-3

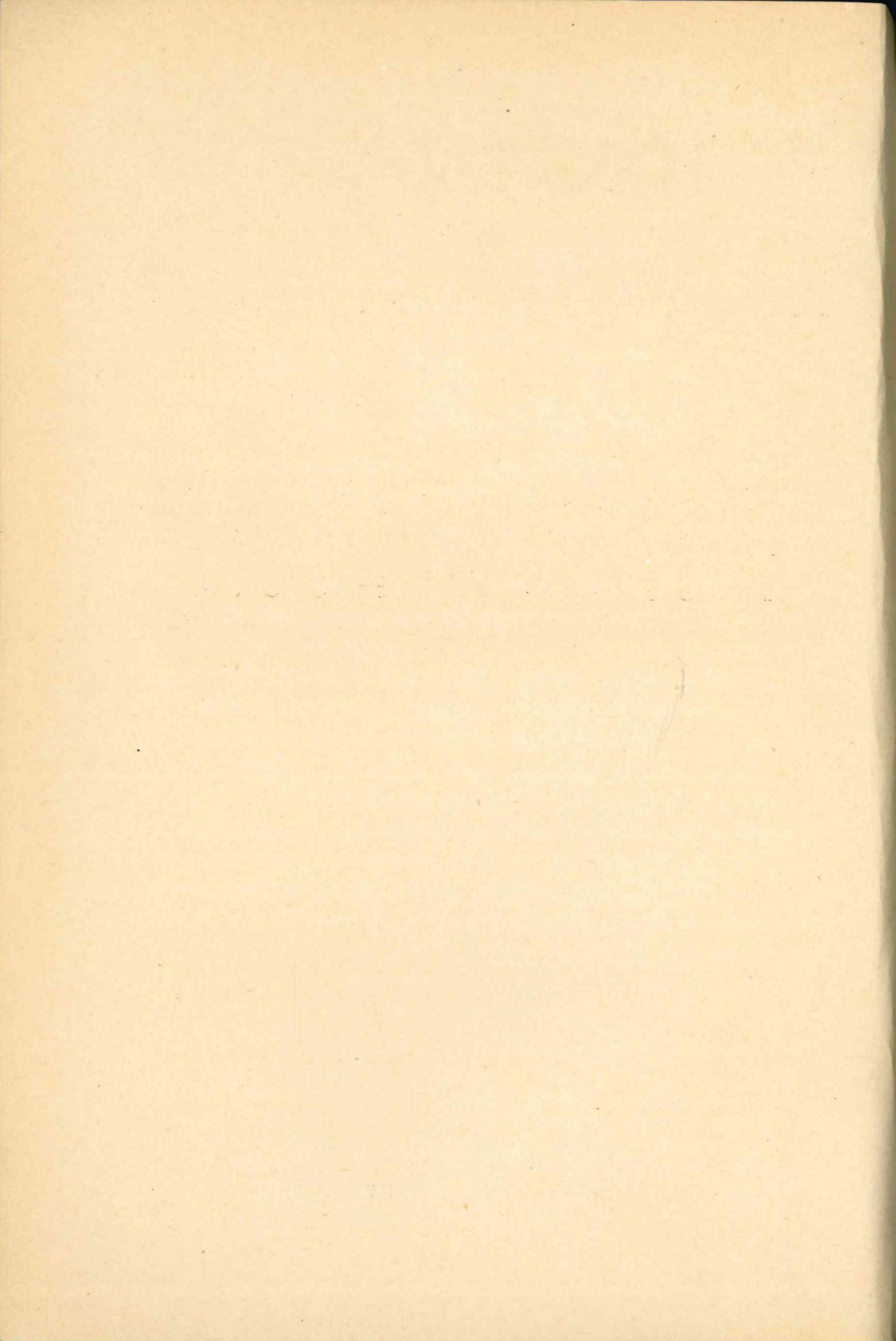
JOAQUIM R. DOS SANTOS JUNIOR

ASPECTOS DE FLUCTUAÇÕES DEMOGRAFICAS EM
INDIGENAS DE MOÇAMBIQUE

MADRID, 1948



4.8(679)"16/19"(0.
AN



ASPECTOS DE FLUCTUAÇÕES DEMOGRAFICAS EM INDIGENAS DE MOÇAMBIQUE

POR

JOAQUIM R. DOS SANTOS JUNIOR

Prof. Ext. da Fac. de Ciências da Universidade do Porto.

No belo livro do Sr. Prof. Mendes Corrêa, *Uma jornada científica na Guiné Portuguesa* (1), êste eminente antropologista a cada passo insiste nos aspectos demográficos e biológicos das diferentes tribos que ia observando.

Ao referir a sua viagem para Fulacunda (2), capital da circunscrição do mesmo nome e centro da região habitada pela tribo dos Biafadas, diz que estes indígenas suscitavam o seu especial interêsse, em vista do que se tinha afirmado "sôbre o seu estado de regressão biológica e demográfica". Acrescenta que era mesmo para êle "um dos problemas principais" do seu inquérito através da Guiné. Os resultados das suas observações não foram desfavoráveis, o que não era de esperar em face do que se afirmava.

Esta referência constitui não só uma prova da doutrina basilar que orienta os estudos das Missões Antropológicas, que vêm sendo enviadas ás nossas colónias de Africa, sob a superior direcção do Sr. Prof. Doutor Mendes Corrêa, mas tambem uma demonstração da facilidade com que certas opiniões ou pareceres são transformadas em afirmações categóricas, isentas, no entanto, da indispensável base de verdade, e dai a necessidade da sua correcção aos justos e precisos termos.

Pelo que respeita á demografia da nossa colónia de Moçambi-

(1) ANTÓNIO MENDES CORREA: *Uma jornada científica na Guiné Portuguesa*, public. da Agência Geral das Colónias. Lisboa, 1947, 198 págs. 1 mapa e 24 figs.

(2) Idem id., pág. 62.



que (3), dadas as naturais contingências dos censos feitos em povos incultos e a extraordinária dispersão pelo mato de muitas povoações indígenas, dificilmente visitáveis para inquérito directo, é de crer que a realidade vá além dos números registados nos cálculos oficiais.

A Repartição Técnica de Estatística da nossa colónia de Moçambique, á frente da qual se encontram como directores os Srs. Capitão S. Figueiredo e Ten. Carvalho Montez, tem procurado realizar os últimos censos dentro de moldes que possam conferir aos seus resultados uma maior segurança.

Graças a subsídios concedidos pelo antigo Ministro das Colónias Sr. Dr. Francisco Vieira Machado, pude trabalhar em Lisboa no Arquivo Histórico Colonial em 1939, 1940, 1941 e 1942, de 15 dias a um mês em cada um destes anos.

Ao folhear os velhos manuscritos dos muitos maços de documentos avulsos respeitantes a Moçambique tinha, especialmente, em mira recolher as alusões aos povos daquela nossa colónia africana, com que os nossos antepassados iam estabelecendo contacto.

Sobre este assunto dei notícia dos elementos colhidos no meu livro *Contribuição para o estudo da Antropologia de Moçambique. Algumas tribos do distrito de Tete* (4), das págs. 68 a 75.

Encontrei também alguns interessantes documentos que são estatísticas populacionais da Zambézia na primeira metade do Sec. XVIII (5). É possível que noutra oportunidade me refira pormenorizadamente a tais documentos.

(3) Sobre a demografia de Moçambique veja-se o capítulo "Problemas vários de demografia e colonização" na obra monumental *Raças do Império*, do Prof. MENDES CORREA, onde este antropologista, nas págs. 534 a 548, aborda esses problemas nos seus variados aspectos.

MENDES CORREA: *Raças do Império*. Porto, 1943, 625 págs., alguns centos de figuras, além de 22 Est. fóra do texto e vários mapas.

(4) J. R. DOS SANTOS JUNIOR: *Contribuição para o estudo da Antropologia de Moçambique. Algumas tribos do distrito de Tete*. Porto, 1944, 416 páginas, 204 figs. e XII TAB.

(5) Arquivo Histórico Colonial, Documentos avulsos, em várias caixas de 1700 a 1750.

Também no Arquivo Histórico Colonial existe a *Statisticæ da Capitania dos Rios de Senna do ano de 1806* por Troão, governador da dita Capitania.

Depois destas referências incidentais passemos a tratar de dois factos respeitantes a variações demográficas de certa amplitude passados na colónia de Moçambique. Um foi respigado num documento do séc. XVII existente no mesmo Arquivo Histórico Colonial, e o outro corre na tradição oral entre os Macondes, tribo que habita no planalto do mesmo nome, na zona setentrional de Moçambique.

* * *

Abordaremos em primeiro lugar a notável regressão demográfica que houve no séc. XVII nas terras do reino de Monomotapa.

O reino do imperador Monomotapa, como é sobejamente conhecido, ocupava vastíssimas regiões a sul do rio Zambeze, que iam desde a costa até além de Tete e do Zumbo, abrangendo portanto não só as regiões do actual distrito da Beira e grande parte do distrito de Tete, mas também terras da actual Rodésia do Sul.

O insigne missionário Frei João dos Santos na sua notável *Etiópia Oriental* (6) refere-se largamente às regiões do império do Monomotapa, sua côrte ou Zimbauè, seus cafres e respectivos usos e costumes. João de Barros nas *Décadas da Ásia* e outros se lhe referem também.

No Arquivo Histórico Colonial encontrei numerosos manuscritos dos séc. XVII e XVIII com múltiplas alusões ao Monomotapa suas terras e seus habitantes.

Dada a importancia do imperador Monomotapa, senhor absoluto de largos territórios e de uma infinidade de gentios, Portugal tinha

(6) FREI JOAO DOS SANTOS: *Etiópia Oriental*. Lisboa, 1891, 2 vols., o 1.º com 479 págs. e o 2.º com 390 págs.

Frei João dos Santos nasceu em Evora em data que se ignora. Professou na Ordem de S. Domingos em 5 de Novembro de 1584, e missionou longamente na Asia e em Moçambique, morrendo em Goa em 1622. A *Etiópia Oriental*, única obra que dele se conhece, foi publicada em 1609.

junto dêle, na sua povoação de residência habitual, que era conhecida, como se disse, pelo nome de Zimbauè, uma espécie de embaixador, o “Capitão mór do Zimbauè do Monomotapa”.

Numa carta (7) do capitão-mór António Lobo da Silva escrita do “Zimbaoè” em 22 de Junho de 1678 e dirigida, segundo se desprende do seu conteúdo, ao vice-rei da India, lê-se esta passagem:

“De prez.^{te} S.^{or} não sei que se faça forsa aos naturais vassallos do emperador que cauão nas minas do ouro; porem ha hoje muy poucos; porque as bexigas e o sarampo e peste que deu nestes annos atrazados por estas terras de Cafraria as destruhio, e houve muitas pouoações que não escapou pee de pessoa, nem houve quem cortasse o milho de suas lauouras, que tinhão cultiuado e eu S.^{or} o experimentei que hindo em socorro de M.^{el} Paes de Pinho, que estava cercado dos Botongas aleuantados, leuando oito mil homês pretos comigo me recolhi com trez mil e trez.^{tos} e todos os mais morrerão de bexigas e ajuntandome eu com a guerra de Tette que estaua com Manoel Paes começou nella dar esta peste, e lhe succedeo a elles o mesmo que a my; assy S.^{or} que nas terras adonde se cauão as minas douro ha muy pouccs naturaes; porque alguns que havia na feira do Ongó os escrauos de hû Gonçalo João forão os que as fizerão espalhar, e na feira de Dambarare hû Manoel Rebello e hum João Tenrreiros com seus escrauos fizerão o mesmo e todos estes S.^{or} já são mortos...”

Na carta faz depois considerações sôbre os “canarins da India” que, diz, “são cauza de muitas ruinas nestas terras”, os quais, afirma, não serem homens de armas e não saberem mais do que roubarem as fazendas que se lhe davam fiadas e mandarem o dinheiro para a India. Num remate de fobia aos indianos, diz ainda que era de parecer, por eles não serem de préstimo nenhum, que os mandasse o vice-rei “botar a todos fora dos Rios; porque aquilo que elles agenceão e adquirem no contrato, o agenciauão e adquirirão

(7) Arquivo Histórico Colonial, Documentos avulsos. Moçambique, caixa 2.

os Portugueses que o Principe nosso S.^o manda p.^a pouoarem estas terras de sua Real Coroa e de sua conquista”.

Noutra passagem fala duma encomenda que o vice-rei lhe teria feito de produtos naturais, como aves, raizes, pontas, dentes, couros, unhas, zebras e pedras.

Pelo que respeita á epidemia de bexigas verifica-se, pelos dizeres da carta que extratamos, ter sido muito grande a mortandade.

O seu exército de 8.000 negros foi reduzido a 3.300. Quere dizer as bexigas vitimaram àquele exército, em pouco tempo, nada menos de 4.700 homens. Mais de metade!

Outro tanto sucedeu aos guerreiros indígenas de Manoel Paes, bem como aos naturais das feiras do Ongo e de Dambarare onde os escravos de determinados portugueses fizeram espalhar a epidemia. O mesmo deve ter sucedido em muitas outras regiões do império do Monomotapa.

Durante alguns anos grassou com tal intensidade, em associação com o sarampo e a peste (?), que houve povoações onde não escapou ninguém; a ponto de se perderem as culturas por não haver quem as colhesse.

Uma tal epidemia foi, na segunda metade do sec. XVII, um como que impiedoso vendavel de tragédia que deve ter rarefeito grandemente a densidade populacional do vasto império do Monomotapa.

* * *

Vejamos agora o que corre na tradição oral entre os Macondes.

Em 1946 realizou-se a 4.^a Campanha da Missão Antropológica de Moçambique que tive a honra de mais uma vez chefiar. Trabalhámos nas províncias da Zambézia e do Niassa. Nesta última tivemos ensejo de estudar a tribo dos Macondes. Colhemos elementos de vária ordem e algumas notas sôbre a origem da tribo e sua história. A amabilidade dos padres holandezes da Missão Católica, que visitámos na ida de Muêda (sede da circunscrição dos Macondes) para

Palma, pudemos consultar uma espécie de relatório sobre etnografia maconde que veio completar as notas por nós colhidas.

A tradição corrente dá a tribo como originária da Niassalândia, onde vivia socegradamente até ao dia em que dali foi expulsa pelos Angones. Depois de uma guerra sem tréguas, os Macondes fugiram aos invasores e vieram fixar-se nas margens do Rovuma. Uns na margem direita, no planalto do território português onde ainda hoje vivem, e outros além Rovuma, em terras do actual Tanganica.

Não me foi possível averiguar a data em que se deu esta guerra com os Angones. Pode porém concluir-se com certa probabilidade de acêrto que foi há algo mais de 100 anos.

Segundo o relatório amavelmente cedido pelos padres holandeses, o nome Macondes, que foi adoptado pela tribo e se tornou extensivo ao planalto, vem de *kukonda* palavra que significa "ser fértil".

Os Macondes, foragidos da Niassalândia e perseguidos pelos Angones, vieram instalar-se no planalto onde vivem, o qual, ao tempo, era totalmente coberto de exuberante floresta virgem. Foi neste baluarte, com especiais condições de refúgio, que os fugitivos resistiram aos seus inimigos e perseguidores. Estes terminaram por se cansar e debandaram. Os perseguidos, uma vez em paz, resolveram permanecer no planalto e começaram a derrotar a floresta para fazerem as suas sementeiras de milho.

O terreno virgem daquela floresta multicientenária, extraordinariamente rico de húmus, deu origem a colheitas de tal modo abundantes que bem podiam ser tidas por milagrosas.

Isto deve ter impressionado a alma simples dos negros. Como é sabido, sempre que, por qualquer circunstância, um numeroso grupo de indígenas muda de lugar, e vai fixar-se algures, toma outro nome. Assim sucedeu, ou deve ter sucedido, com os actuais Macondes, que assim se passariam a designar após a guerra com os Angones, fuga da Niassalândia e consequente fixação no planalto onde vivem. Não consegui averiguar qual teria sido o nome anterior da tribo.

A origem do nome actual, segundo o relatório dos padres holandeses, seria esta: em língua Chimaconde lugar traduz-se pela pa-

lavra *liúto* (no plural *maúto*), e lugares férteis por *maúto a kukonda*. Depois, por natural simplificação, dar-se-ia a elisão da terminação *uto* da 1.^a palavra e do radical *Ku* da última. Assim viria a palavra *ma...konda* com a significação de “lugares férteis”.

À gente dêsses lugares chamariam: *vamacondē* (de *vanu*, homens).

Quere dizer: *vamaconde* designaria “homens de lugares férteis”.

A abençoada fertilidade daquelas terras, a poucos anos de fixação dos Macondes naquele pródigo planalto, não pôde continuar a manifestar-se, mercê dum severo período de seca. Durante dois anos consecutivos não choveu uma só gota de água. Sobreveio a fome. Muitos morreram. Alguns puderam resistir algum tempo junto das fontes na orla do planalto. Mas estos terminaran também por secar na sua grande maioria.

Cada dia morriam centenas e centenas, pois que iam escasseando até as raízes comestíveis de certas plantas e os bolbos e tubérculos silvestres. Os que tinham força bastante iam a caça para conseguirem a carne dos animais a que podiam deitar mão. As restrições eram porém cada vez maiores. Sobrevinha o esgotamento a abulia e a morte a curto prazo.

Diz a tradição que a tribo foi quase totalmente dizimada.

Junto da Nangololo, que não secou, aguentou-se um homem e uma sua irmã.

Estes sobreviventes passando um dia por uma povoação onde todos tinham morrido tiveram a boa sorte de encontrar alguns grãos de milho que semearam junto da fonte. Colheram o bastante para semear de novo no ano seguinte e com a vinda da chuva abençoada tiveram então uma colheita abundante.

Um dia abandonaram o seu isolamento da fonte de Nangololo e foram em demanda de outros possíveis sobreviventes. Só ao fim de muito tempo conseguiram descobrir outro solitário que conseguira sobreviver em lugar muito retirado. A rapariga casou com êsse solitário e assim se refez a tribo Maconde. Êsse casal de sobreviventes, foi, em nossos dias, como que o Adão e Eva da tribo, e

teriam sido os avós do velho régulo Chievo, o qual em 1917 ou 1918 foi o primeiro a submeter-se aos portugueses.

* * *

Em presença dos fois factos de que me ocupei verificamos que os negros do império do Monomotapa na segunda metade do sec. XVII, e os Macondes há um pouco mais de 100 anos sofreram, quer uns quer outros, uma extraordinária e severa sangria populacional.

A ser verdade o que reza a tradição maconde, êstes teriam ficado reduzidos apenas a 3 únicos sobreviventes que, em menos de 150 anos, refizeram a tribo.

Num caso e no outro as virtualidades demográficas daquelas tribos de negros manifestaram-se de forma exuberante.

Sou dos que acredito nas grandes possibilidades biológicas dos negros de Moçambique. Há que os amparar carinhosamente.

É por demais sabido que a maior riqueza duma região, qualquer que ela seja, é a sua gente, o seu elemento humano.

Pelo que diz respeito a Moçambique é nossa opinião que os seus indígenas constituem a sua maior riqueza, a sua riqueza viva.

Portugal, através de todos os tempos, tem sabido, como poucos cumprir a sua nobilissima missão de colonizador.

Nas diferentes raças que descobrimos por todo o mundo, nós, os portugueses, sempre olhamos os seus representantes, qualquer que fôsse a côr da pele ou o seu grau de cultura, como homens.

Êste largo sentido de humanidade fez-nos apóstolos fervorosos. Procuramos fazer dos indígenas de todos os continentes e latitudes, nossos irmãos em Cristo.

Vem a propósito referir o que se lê num documento, que vi no Arquivo Histórico Colonial, datado de 22 de Outubro de 1677 e no qual o conselho de Estado, constituído entre outros pelo Conde de Vale dos Reis, Salvador Correia de Sá e Ruy Teles de Menezes, trata do "Socorro dos Rios de Sofalla".

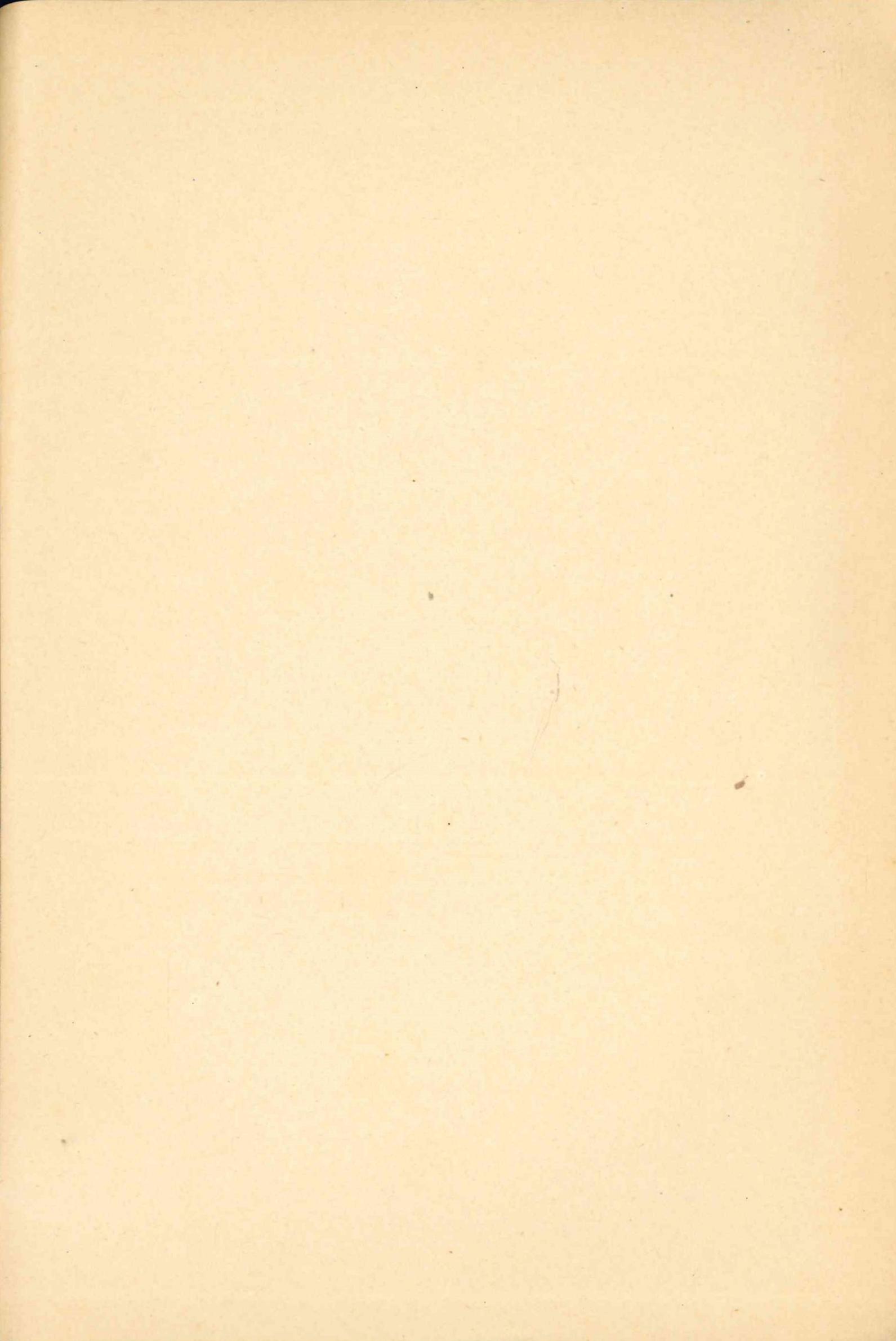
O Conselho tratou desveladamente do assunto não deixando de

tomar em conta os lucros que uma tal conquista prometia. Note-se porém que logo a seguir realça, de modo bem marcado, o seu aspecto de amplo sentido humano e cristão acentuando ser de esperar que a coroa logre não só os referidos lucros “mas o maior serviço de Deos na Redução á fé daquela vasta gentildade”.

Foi êste nobre sentimento de fervor cristão que nos fez realizar cometimentos de singular heroicidade e abnegação.

Ê êsse mesmo sentimento que ainda hoje nos anima, e é êle que à luz dos conhecimentos científicos actuais nos leva a considerar os indígenas das nossas colónias, como um factor biológico importantíssimo e impescíndivel ao seu desenvolvimento, tendo em vista as melhores condições de vida dos seus nativos.

A propósito dos pretos de Moçambique escrevi algures, e repito-o agora, que êles eram o seu melhor oiro, constituíam a sua maior riqueza, eram os seus diamantes negros que é facil lapidar. Basta para isso tratá-los com justiça e humanidade cuidando-lhes do corpo numa hábil e profícua assistência médica e da alma numa larga e carinhosa assistência missionária. Médicos e missionários são, em nosso modesto parecer, os grandes obreiros da valorisação dos negros que, repito, são a maior riqueza das nossas colónias. Quanto mais os estudo e vou conhecendo, mais os admiro nas suas qualidades e virtudes que são muitas, e os perdôo nos seus êrros e defeitos, quáse sempre pequenos e de facil correccão.



biblioteca
municipal
barcelos



9609

Aspectos de flutuações
demográficas em indígenas